



REDES^{do}TEMPO

Jornal do Museu de Sines: Número 11 | Dezembro de 2014 | Diretor: Nuno Mascarenhas | Edição: Câmara Municipal de Sines | Distribuição Gratuita

Estaleiro da família Rocha

Inézia e Armando Rocha Construindo barcos e vidas

Inézia Rocha nasceu em Sines em 1926. Conheceu Armando Rocha, que viria a ser o seu marido, quando tinha doze anos e ele catorze. Foi amor à primeira vista e para toda a vida, repartindo apenas com o grande amor que este tinha pela sua arte de construtor naval.

Eu nasci e fui criada na rua 9 de Abril. O meu pai chamava-se Serafim Rafael e foi pescador, em cima das ondas do mar. A minha mãe era conhecida por Ti Ermelinda Russa e lavava a roupa para aquela gente ricaça.

Eu só amei uma vez! Conheci o meu marido tinha eu doze anos. Ele tinha catorze e já trabalhava. Começou de gaiato, com o pai, que também era um grande artista. Mas ele ainda saiu mais artista que o pai, que se chamava Sebastião da Rocha e foi ensinando os filhos. Este [Sr. Armando] foi dos mais novos e tinha mais cegueira de fazer barcos. Os outros sabiam trabalhar nos barcos mas não riscavam. O meu marido riscava um barco sozinho! Ele é que fazia os moldes. Era uma inteligência rara! E fazia tudo. Lá na outra casa, ele até fez a porta. A porta mais bonita da rua era a minha. Ele fazia bancos, fazia camas, fazia tudo.

Tinha às vezes rapazes a aprender, mas aquele ofício é muito pesado, eles aborreciam-se e iam embora. Mas o meu marido tinha amor à sua arte e trabalhou até aos sessenta e tal anos, até adoecer.

Os moldes riscava-os [desenhava] na madeira! Eu

nunca tinha visto, era uma inteligência rara aquele homem! Um homem que não sabia escrever, mas sabia ler! Aprendeu para ler o jornal “A Bola” – Foi jogador de bola, no Belenenses [Lusitano], aqui em Sines. Os homens diziam-lhe: “olha isto é a letra tal” e ele começou a soletrar e já lia o jornal. Lia as minhas cartas, quando estava em Setúbal, mas escrever não escrevia, tinha de ir à casa do irmão, para ele lhe escrever as cartas para mim [risos].

Este barco [Sr. de Belém] fez ele para mim! Sr. de Belém já viu! E fazia as letras e tudo, sem saber escrever e sem ter feito exame nem nada!

Era de Lisboa, nasceu em Belém e veio para cá com catorze anos, fazer uma traineira. O meu sogro era sempre chamado para aqui e para além. E então veio para cá e começou a fazer botes, barcos, etc. O meu sogro depois foi chamado outra vez para Setúbal e nessa altura ele foi para lá tirar o curso.

Começámos o namoro aqui, mas depois, de quinze em quinze dias, ele vinha ver-me e numa dessas visitas disse à minha mãe. “Ti Ermelinda, eu venho buscar a Inézia. Posso levá-la?” “Podes!”. Quando

chegámos a Setúbal já estava o banquete. Eu tinha dezanove anos e ele vinte e um. A minha sogra comprou mobília e ficámos a viver juntos.

Íamos aos bailes e ele queria dançar apertadinhos e eu dizia: “Não me apertes que eu não sei dançar apertada e não quero fazer essas figuras” [risos]. Ele costumava contar ao filho: “A tua mãe para lhe dar um beijo, tive de lho roubar” E é verdade! Naquele tempo não era como agora. Nós namorávamos à janela, na travessa da Quinta, ainda lá está a janelinha. Às vezes passo lá e lembro-me.

Durante a semana andava com a roupa de trabalho, claro, mas no fim de semana andava sempre de fato e gravata. Onde ele chegava diziam: “Olha aí anda o Doutor, o Ti Armando.”

Estive em Setúbal três anos. Mas as saudades da minha mãe e do meu pai eram muitas. E ele disse-me: “Vamos embora! Vamos para Sines, posso trabalhar em qualquer parte”.

E dizia que era mais de Sines do que de Belém ou Setúbal. Sines era a terra dele!

A partir de entrevista por Luísa Bruno em 14 de agosto de 2013





Nota do Presidente

Trazemos-lhe um novo número do jornal “Redes do Tempo”, numa aposta reforçada na preservação e divulgação das nossas raízes, agora num formato mais cómodo e com maior número de páginas. Vem esta publicação a propósito do novo projeto do Museu de Sines: o “Laboratório da Memória do Mar”, que tem como objetivo conservar, estudar e divulgar a nossa rica herança de embarcações e artes de pesca, que são testemunhos do esforço e dedicação de gerações que souberam fazer do nosso mar o seu território de trabalho. Nele assenta o passado, o presente e certamente o futuro desta terra, pelo que se justifica plenamente dedicar-lhe um esforço redobrado e conservar também a memória dos grandes “artistas” que souberam construir e viver “em cima das ondas do mar”. Lembramos concretamente os antigos construtores navais, como os mestres Chico do Porto, Armando Rocha e Marcelino “Espanhol”, recordados por quem com eles aprendeu e trabalhou - Armando Casal e Carlos Massano; os pescadores que utilizaram as embarcações por eles construídas, na sua faina diária - Manuel “Bulé”, Francisco Chainho, Astrigildo Cardos e João Duarte Louzeiro; e um calafate: Alberto Elias, também poeta nas horas vagas. Começamos no entanto por apresentar uma entrevista com o antropólogo Luís Martins, que connosco tem colaborado no desenvolvimento e apuramento de um método de trabalho adequado às especificidades deste mundo da pesca e que nos revela a complexidade deste campo de investigação, na busca de um conhecimento de carácter científico, que procura fixar a realidade de saberes antiquíssimos e por vezes difíceis de explicar, nascidos da relação única do homem com o meio marinho.

Nuno Mascarenhas

Presidente da Câmara Municipal de Sines

Luís Martins

Um etnógrafo próximo dos pescadores

Nasceu em 1957 em Cabinda, Angola, e doutorou-se em antropologia no ISCTE. Publicou a sua tese sob o título de “Mares Poveiros: Histórias, ideias e estratégias de pescadores da Póvoa do Varzim”.

Tem-se dedicado ao estudo das comunidades piscatórias da costa portuguesa, incluindo naturalmente a de Sines, onde é já reconhecido como um velho amigo. Aqui comissariou a exposição “Pescas, a Natureza Desafiada”. Neste momento apresenta no Museu Nacional de Etnologia uma outra mostra, de que foi consultor, e na sequência de uma pesquisa de pós-doutoramento: “Artes de Pesca. Pescadores. Normas. Objetos Instáveis”.

Acho que a vida tem sempre um pouco de acidental. Comecei a interessar-me verdadeiramente pelas questões ligadas à pesca durante o curso de Antropologia, numa ocasião em que o Professor Pais de Brito referiu um livro, que continua a ser um obra chave na Etnografia Portuguesa e na Etnografia Mundial, o primeiro livro sobre uma comunidade piscatória, julgo eu: “O Poveiro”, de Santos Graça. Editado em 1932, é um livro fantástico em termos de descrição de uma comunidade piscatória.

Autores e trabalhos que mais me marcaram em Portugal? Rocha Peixoto, que infelizmente morreu muito novo, quando começava a definir as linhas de uma investigação etnográfica que corresponderia a uma escolha pessoal. Jorge Dias, a equipa do Centro de Estudos de Etnologia, Veiga de Oliveira, Fernando Galhano, Benjamim Pereira. Pela qualidade dos estudos, pela limpidez com que nos transmitiram as informações que recolheram. O orientador dos meus estudos, a pessoa com quem tenho trabalhado mais tempo, Joaquim Pais de Brito. João Leal, Pina Cabral, Brian O'Neill, os meus colegas, que têm estudos sobre pescas, Oneto Nunes, Paulo Mendes. Há ainda uma História escondida. As primeiras grandes investigações que se fizeram sobre os mares, pelos nossos naturalistas, ao nível da biologia, da oceanografia, principalmente. Fizeram-se ao abrigo de museus, que estavam adstritos a universidades. Aí creio que ainda há muita história oculta, que são lapsos da nossa investigação. Com algum receio de errar, estou convencido que precisamos ainda de muito trabalho para criarmos uma tradição portuguesa de investigação nesta área. A investigação etnográfica sobre as pescas tem alguns desafios, e o primeiro será o contacto com a comunidade, que é avessa a quem vem de fora, e muitos investigadores sentem esta primeira resistência e por vezes desistem. É preciso primeiro vencer esta estranheza, que não se pode confundir com hostilidade.

Eu sempre estive muito próximo dos pescadores. Por carácter, em todos os trabalhos que fiz foi assim. Procurei essa proximidade, essa empatia, porque quanto maior é a empatia com a pessoas com quem falo, com maior facilidade chegamos a um tipo de discurso mais livre das inibições, resis-

tências que nos vedam o acesso à memória dos nossos interlocutores. Para mim, o etnógrafo, o perfil do investigador, começa aqui. É um processo iniciático e que exige muito exercício de campo.

Por vezes as pessoas com quem falava achavam que eu era um jornalista – mesmo que o tentasse desmentir – porque estava ali, tirava fotografias, fazia entrevistas, gravava, filmava. Isso tinha a ver com alguns estereótipos a que eles se tinham habituado. Mas tenho uma história engraçada, de quando andei a fazer o meu doutoramento e morava com um casal de pescadores, já de idade – um homem sábio, mesmo sem saber ler – e um dia cheguei lá a casa e a filha do casal vira-se para mim e diz: “Já sei o que é que o senhor Luís anda aqui a fazer; anda a escrever a nossa história de vida como o Saramago escreveu aquele livro, “Levantado do Chão” que tinha acabado de ganhar o Prémio Nobel.



Por outro lado sou aquele que vai à procura de informações, faz entrevistas, recolhe as peças e depois sistematiza. Esse é o lado científico. Aqui está o salto, que nós damos entre a empatia – que atrás referi –, o convívio, passar noites e dias inteiros com as pessoas, falando, tirando informações, brincando, convivendo, e a fase de transição para construir um resultado. É preciso silêncio – este é um passo fundamental no caso do etnógrafo –, para sistematizarmos tudo o que observamos, para tentar perceber também os sinais.

O que faz um etnógrafo? É a questão que vale um milhão. No passado quando entrava num barco e passava noites inteiras, com o frio, ali às vezes

quase a enjoar, e se calhar por isso mesmo, perguntava-me: “O que é que eu estou aqui a fazer?” Nós fazemos parte de comunidades, e um conhecimento que pode ter um valor para nós, será, a um outro olhar, para uma outra comunidade de interesses, científica, recreativa, absolutamente sem sentido. Ou ser objeto de grande admiração. Um acervo de histórias de vida, de narrativas, para sociólogos, antropólogos ou historiadores da cultura, podem ser joias de conhecimento. Construímos conhecimento para nos realizarmos como seres humanos e sociais. Podemos ser interessantes para o presente imediato, ou para o futuro.

A tecnologia da pesca parece ser igual em todo o lado, mas como é praticada em lugares específicos ao longo da costa, é preciso, para que ele seja eficiente, que o pescador a adapte ao ecossistema e à natureza que ele vai explorando, porque os fundos são diferentes.

Há que saber ler os sinais. Por exemplo, no escuro da noite, a navegar em busca do peixe, quando o cardume de sardinhas era mais denso e estava em movimento, havia um leve clarão, que os pescadores chamavam a “água ardente” Este era um dos procedimentos de deteção da sardinha. Isto encontra-se ao longo de toda a costa, incluindo a costa espanhola, com pequenas variações na maneira de pronunciar a palavra: “ardente”, “ardentea”, “ardentia”, por aí. Eu nunca assisti a este fenómeno. Acompanhei traineiras a pescar à noite, a “ris-car”, como dizem. Há uma série de outros fenómenos, que fazem parte de conhecimentos – como dizem os poveiros – e a que nunca assisti: a deteção do peixe através do mergulho dos pássaros (o mascato, por exemplo), que veem a sua presa e vão buscá-la à água. Eu comecei a conviver com este universo das atividades piscatórias numa fase de transição, quando já muitas embarcações, a maior parte delas, estava munida de sondas e sonares.

Os pescadores têm uma relação com o espaço que os demarca de uma maneira muito nítida do homem da terra. Há um tipo de conhecimento específico para se poderem orientar. Uma coisa é eu orientar-me em terra, com caminhos cheios de referências, aquela árvore, aquela pedra, aquela esquina. E outra coisa é orientar-me no mar. Aí a experiência e um longo exercício de observação da natureza fazem a diferença: a cor da água, o relógio, as marcas em terra (árvores, construções, manchas no arvoredo, alinhamentos entre uma referência mais próxima do litoral e uma mais distante). Naquilo que para nós é o vazio, aquilo que é vago, os pescadores fazem uma leitura, detetam aí os sinais que lhes permitem escolher os rumos a seguir. Em dada altura tentei perceber estas manifestações, fazer uma espécie de etnografia ou antropologia cognitiva, perceber como é que estes profissionais montam este esquema de pensamento, como é que refletem, em que se baseiam? Há um conjunto de elementos muito concretos. Mas a explicação desses elementos faz parte de um outro sistema, o da aprendizagem pelo exercício. Talvez não o consigamos explicar, nunca, pois não se trata de um processo formal de ensino e transmissão de conhecimentos, como ocorre nas escolas.

A partir de entrevista por Ricardo Pereira, em 7 de agosto de 2014



Antiga Ribeira, postal da década de 1960

Armando Casal Armando Rocha foi meu pai, tutor, patrão e mestre

Armando Casal nasceu em Sines em 1947. Mal saiu da escola tornou-se aprendiz de carpinteiro naval no estaleiro do Mestre Armando Rocha.

Saí da escola com dez anos. Naquele tempo, a gente quando saía da escola procurava logo um ofício para aprender. Naquela altura era assim! Tive a sorte de o meu padrinho de batismo ser irmão do Armando Rocha. Chamava-se Sebastião Rocha e era casado com uma irmã minha. Era meu padrinho e meu cunhado. Nessa altura, dos meus dez anos, ia sempre levar-lhe o almoço, a S. Marcos, ao estaleiro. Estava lá um aprendiz que se chamava Jorge Grão. Esse homem, ainda é vivo! Trabalhou muito tempo na construção naval, esse rapaz! E o que é que acontece? Ele estava doente na altura, e quando eu saí da escola o Armando Rocha pediu ao irmão [Sebastião Rocha] se lhe arranjava alguém para ir para o estaleiro aprender o ofício. Ele falou comigo e eu fui logo para lá, claro! Aprender um ofício, aquilo não se aprende um ofício em dois dias. Eu estive lá trinta anos a trabalhar com ele e ainda hoje há muita coisa que eu gostava de ter feito e não fiz. Claro que naquela altura os mestres quase que não ensinavam nada aos alunos, aos aprendizes, a gente é que tinha de aprender tudo por nós próprios e isso aconteceu comigo.

Era, realmente, um ofício de que eu gostava imenso, aliás é um ofício bonito! Mas, contudo, foi pena não ter feito descontos. Digo isto porque perdi muito. Nesse tempo, não era obrigatório descontar e eu não descontei nada [para a reforma]. Trabalhei lá trinta anos e nunca descontei e por isso agora estou a sofrer as consequências, esse é que foi o meu grande erro. Por essa razão estou repesíssimo de ter ido para a construção naval. Não por ele, continuo a falar do Armando Rocha porque isto é uma homenagem a ele. Mas porque perdi muitos dos meus anos.

Falando do Armando Rocha foi sempre um excecional amigo. Ele era uma joia de homem sinceramente! Foi meu pai, meu tutor, meu patrão, meu mestre, porque gostava muito de mim e eu também gostava muito dele. Tive sempre a porta aberta mesmo quando fui para a tropa, aos fins de semana ia trabalhar com ele. Antigamente trabalhava-se aos sábados e aos domingos.

O barco maior que construiu [Armando Rocha] foi um barco com 22 metros, ainda eu não estava lá, foi a “Laida”. Mas quando eu era aprendiz construiu-se a “Laidinha”, uma enviada desse barco, que era do Tenente Seixas.

(continua na página seguinte)



A “Laida” em construção

A partir daí ajudei a fazer bastantes barcos, uns com 18 metros, outros com 12, 8, 5, 4 metros e também algumas lanchas. Tudo lá no estaleiro. Quando eram construções novas tínhamos de ir para a ribeira trabalhar. Eram obras e obras. E ali se passava a maior parte do tempo, a carregar ferramentas a ir buscar madeira à serração. Era uma profissão bonita, mas também era, apesar de tudo, uma vida muito lixada. O Armando Rocha tinha três irmãos, dois eram carpinteiros navais, e um, o meu padrinho Sebastião Rocha, era calafate. Nós construíamos os barcos e a junta das tábuas tem de ser calafetada senão a

desenhador de construção naval. Em Sines havia um. O dono, o indivíduo que encomendava o barco, dizia o que pretendia. O barco podia ter mais quebra-mar, ou ser mais redondo, ou mais fundo. Então a gente fazia uma maquetazinha. O desenhador via a maqueta e fazia a planta com todos os dados necessários. A espessura da madeira, das traves, os remos, tudo! Depois de vir essa planta é que a gente ia marcar o barco. Quando se partia para a construção as peças tinham de estar todas certinhas como na planta. É como se faz uma casa!

Não tínhamos ordenado certo

Enquanto fui aprendiz não tinha ordenado, mas o Ti Armando dava-me sempre qualquer coisa. Começou por ser dez escudos por semana, depois fui aumentando para quinze e por fim vinte escudos.

para fazer. Por isso é que eu tive de abandonar a profissão. Tive de abandonar os barcos porque começou a escassear o trabalho. Um ano depois de voltar do Ultramar ainda trabalhava nos barcos, mas, depois casei e aluguei uma casa que apesar de não ser muito cara o dinheiro naquela altura era difícil de se arranjar. Então pensei que tinha de mudar de ramo e assim o fiz. Tive uma outra casa comercial e agora estou aqui há vinte e seis anos. A construção naval acabou, principalmente em madeira, porque começaram a aparecer os barcos em fibra e construção de barcos grandes. Quando saí do estaleiro, o Armando Rocha ainda esteve uns quantos anos com o Massano, mas foi-se a baixo, estava muito doente e não aguentou. E foi assim que eu fui para a construção naval e lá fiquei trinta anos.

A partir de entrevista por Luísa Bruno, em 7 de agosto de 2013



Cartão de jogador da F.P.F. de Armando Casal

água entra. Esse trabalho de calafetar era feito pelo Sebastião. O Manuel, o Edmundo e o Rui eram carpinteiros. Eu trabalhei com todos eles. Houve alturas de muito trabalho e eles vieram trabalhar para Sines. Trabalharam cá em Sines muito tempo, até que foram morrendo pouco a pouco. Todos eles aprenderam com o pai, que veio para Sines e moravam ali na Ribeira de cima (antes moraram ao pé dos correios velhos). A mãe era uma velhinha muito simpática, eu adorava a ti Matilde!

As pessoas diziam que ele era de Setúbal mas não. Ele era de Lisboa mas tinha pronúncia de Setúbal, onde trabalharam muito tempo. Dois dos irmãos, o Edmundo e o Rui, ficaram em Setúbal a viver e ele veio para Sines com o irmão Sebastião. O pai trabalhava cá com eles e até fizeram um barco chamado "O Porta Aviões". Mas este barco não foi construído no estaleiro de S. Marcos, mas sim na Cruz. Era um barco grande, as tábuas eram serradas com aquelas grandes serras manuais, mas isso era eu pequenino. Na construção desse barco o pai dele é que era o construtor.

A distribuição do trabalho

Quando fui aprendiz, eu, o Manuel, o Edmundo ou o Rui, quando trabalhávamos com ele, o nosso posto era o de carpinteiros navais e o Armando era construtor naval. Era o que mandava! Que fazia! Que marcava! Era o mestre! Ele é que dizia: tu vais fazer isto e ele vai fazer aquilo. Tu ficas aqui, e tu ficas além! Ele é que fazia as peças ou então mandava fazer, mas sempre com a orientação dele. Quando havia um serviço na Ribeira ia lá avaliar. Podia ser um serviço grande, para vários homens, ou podia ser coisa só para um. Ele é que avaliava e punha aquilo à ordem dele. Era um homem que sabia muito mesmo!

Aquilo era feito desta maneira: quando eram barcos maiores nós tínhamos uma planta feita por um

Não tínhamos ordenados mensais. Ganhava-se à hora. "Quantas horas tens hoje?". Quando deixei de ser aprendiz passei a ganhar vinte e cinco escudos por dia. Certo dia disse-me: "A partir de agora já és um operário que fazes o serviço e passas a receber!". A gente passava, às vezes, muitos dias e dias sem fazer nada. Eu, enquanto aprendiz, não tinha problemas, recebia sempre qualquer coisa, mas depois que deixei de ser aprendiz, só ganhava se houvesse trabalho



Armando e Sebastião Rocha



Moldes e miniaturas da autoria de Armando Rocha, coleção de Carlos Massano



Carlos Massano No estaleiro do mestre Armando Rocha

Carlos Manuel Fernandes Massano nasceu em Angola a 15 de março de 1967 e aos sete anos veio viver para Sines, onde aprendeu a arte da Construção Naval Tradicional com mestres: Salvador dos Santos Gomes e Armando Rocha. Fala-nos com admiração do muito que aprendeu com eles mas também dos naturais conflitos geracionais provocados pela introdução de novas ferramentas elétricas bem como do esforço para manter viva esta arte em vias de extinção.

Aprendizagem

Eu sou angolano. Vim para cá quando rebentou o 25 de Abril, tinha os meus sete anos. Comecei a trabalhar com um indivíduo que era o Salvador dos Santos Gomes, que está agora em Vila Nova e que tinha um estaleiro ao lado do Ti Armando Rocha. Era no Quintal da Amoreira, ao pé da serração do Jacinto Farto, junto a São Marcos. De modo que antes de ir para a escola já levava meio dia de trabalho feito.

Comecei a aprender com esse homem e com os meus dezasseis anos já trabalhava por minha conta. Hoje ainda faço alguma coisa quando estou aí e me chamam. É uma profissão trabalhosa e hoje vejo, quando vou ali à Ribeira fazer qualquer coisa, que agora é tudo diferente, já não há quase nada para fazer.

Comecei a trabalhar com o Sr. Armando Rocha tinha eu os meus dezoito anos, num barco que bateu ali no molhe – era do Sr. Chico da Glória – a “Glória de Sines”. Foi um trabalho já grande demais para o homem e ele pediu-me ajuda, porque já não tinha idade para fazer aquele trabalho sozinho. Depois foi o “Esplendor do Mar”, que era do Sr. Virgulino e que foi uma obra grande também, a “Célia Maria”, que era do Ti João Baldurega, e depois mais uns outros biscates. Foram essas as obras grandes que fiz com ele. No fim da obra da “Célia Maria” ele adoeceu. Isto neste estaleiro aqui ao pé do Clube Náutico onde os barcos gran-

des enalhavam. As outras obras eram ali na Ribeira e no tempo dele iam lá para cima para S. Marcos, mas ultimamente já não havia trabalho para ele fazer lá, onde fazia mais era construção. No barco do Sr. Chico da Glória fui só eu e ele a trabalhar e depois vieram os calafates de Setúbal, porque aquilo era muito trabalho – embora a gente saiba também calafetar – além da avaria ser enorme, o tempo que o barco esteve ali parado e depois ainda seria mais esse tempo para calafetar. Assim foi mais rápido.

O Sr. Armando não ensinava. Aquilo era assim, era gente antiga, que guardava muito para si o que sabia. Não era fácil. Há um senhor que trabalhou muitos anos seguidos com ele, o Armando Casal. Eu fui quando o Armando já não trabalhava com ele.

O Mestre Armando Rocha fazia um molde e desse molde é que nascia igualzinho o barco que ele ia fazer em grande; portanto aquilo era uma escala: dali saía o barco. Todo o feitio que aquilo tivesse era o que saía na construção. Depois guardava para ele o que riscava e ninguém aprendeu a fazer isso porque ele não ensinava a ninguém. A casa dele era em soalho e ele riscava aquilo no soalho, da escala transferia a medida que queria e depois dali fazia as grades que era o que depois levava para o estaleiro.

As pessoas antigamente iam trabalhar onde havia trabalho. A gente hoje tem os meios de transporte

deslocamo-nos. Estamos a morar em Sines e vamos trabalhar para Lisboa ou Setúbal se for preciso. Vamos e vimos todos os dias. Antigamente não, pegavam nas coisas e iam. Ele fez muitos barcos lá para baixo para o Algarve. Vinha aqui à serração, marcava as peças todas, tudo o que fazia falta lá para a construção e construía lá em baixo. Tinham uma camioneta, carregava – na altura era o Sr. Ivandro que morava lá ao pé dele, perto da serração do Jacinto Farto e outros que tinham camionetas de aluguer e levava tudo preparadinho e era construído lá no sítio.

Conflitos de gerações

Eu vou-lhe dizer a primeira vez que eu meti uma “almeida”, que é uma peça onde trabalha a agulha do leme, onde trabalha o leme que faz a condução do barco. É feito um cepo em madeira onde é furado e trabalha a agulha que é uma peça que apodrece com o tempo e vai ganhando mexilhão lá por dentro e outros bichinhos que vão comendo a madeira. Esse barco até tinha sido ele que o tinha feito. Eu cheguei lá e perguntei-lhe: “Ti Armando, tinha preciso de saber uma coisa. Queria tirar a almeida. O barco até foi você que o fez. Como é que aquilo saía de lá?” Ele ensinou-me, mas aquilo depois era uma retórica com o Armando Casal quando abalei. Disse para o Armando Casal: “A mérrda do gaiato agora querr ttrrar a peça. Deve sairr uma boa mérrda”. Ele falava assim Setubalão, mas nasceu em Belém. Eu consegui fazer aquilo. Não fazia como ele, porque ele furava essa peça, furava metade de um lado metade do outro e depois com um ferro em brasa aquecia e às vezes os furos saíam desencontrados e com o ferro conseguia apanhar a furação. Eu pegava no cepo, levava-o a um torneiro e o torneiro fazia o furo ali certinho. Como essa, muitas outras coisas fui aprendendo, aventurandome, porque eu gostava de aprender.

Era um homem difícil de aturar porque a gente antiga era assim. Eu a trabalhar com ele no “Glória de Sines”, levei uma serra circular e ele perguntou-me: “Para qué essa mérrda?” “Então é para a gente trabalhar lá no porão, aquilo não tem espaço”. “Eh, eu toda a minha vida tenho trtralhado à mão!”. Ele fazia de um lado, eu fazia do outro e depois chegou a pontos que ele viu que o trabalho rendia mais com a ferramenta elétrica e então ele marcava e eu cortava: “Vá corrrta lá isso que eu vou marrcando”. Ferramenta elétrica para ele...

Antes de morrer disse-me no hospital que ele me ficava a fazer falta porque até morrer estamos sempre a aprender mas que eu também ficava a fazer-lhe falta porque com a idade que tinha já não era fácil trabalhar sozinho. Depois de ele falecer ainda continuei lá alguns meses porque tinha lá a oficina. Tenho os moldes porque comprei a oficina à viúva, mas depois vendi-a ao Jorge Estelano que também sabe trabalhar nisto.

Eu nunca deixei ninguém empachado, porque havia muito trabalho de calafate e o Ti Alberto Elias não dava conta do trabalho. Era um homem complicado e um artista, mas ele trabalhava as horas que queria e as pessoas tinham que esperar pelo serviço dele. Era uma profissão em que as pessoas tinham de trabalhar de sol a sol para desenrascar as pessoas, para poderem ir para o mar, e que às vezes não agradeciam e ainda guerreavam com a gente: “Ontem já era para tar feito!”.

A partir de entrevista por Luísa Bruno, em 7 de agosto de 2013

Manuel “Bulé”

Uma vida ao sabor do vento

Manuel Jacinto Cruz nasceu na zona do Rossio de Sines a 8 de junho de 1932. Fala-nos das embarcações em que pescou e dos seus companheiros, dos mestres que as construíam e reparavam, com destaque para a lancha “Praia Nova”, construída pelo mestre Marcelino “Espanhol” e hoje conservada no Laboratório da Memória do Mar, depois de uma longa vida de trabalho.



Artur Papa, Manuel “Bulé” e Zé Chico (pai de Armando Casal)

Dos meus irmãos, o único que foi para o mar fui eu, mas tinha família, tios, primos e isso, que andavam ao mar. Estudei até à terceira classe e depois fui trabalhar para a Fábrica Hauser e Fernandes, até que a fábrica fechou em 1949. Tinha 17 anos e comecei a fazer a vida no mar com o meu cunhado, António da Cruz, que tinha uma lancha que foi construída pelo “Espanhol”.

Naquele tempo os barcos eram todos a remos e à vela. Era um trabalho mais duro, não havia motores. Nessa lancha tínhamos uma vela que só dava para correr à popa, para vir para o vento já não dava, era quadrangular, do tipo que a gente chamava de “caranguejo”. Quando era vento norte, se estivéssemos ali abaixo já não dava para vir à vela, tínhamos que vir a remos. Mais tarde tive a minha canoa, que já era puxada pelo vento, porque tinha vela latina. Quando apareceram os motores de popa, já era uma vida diferente. Um dos primeiros foi o do Manafaia.

Chegou a acontecer estarem cinco, seis lanchas além em baixo na ilha. Três, quatro dias a gente à espera para acalmar o vento, para a gente vir para Norte. Ficávamos lá à abrigada e chegámos a fazer caldeiradas lá detrás da ilha.

Uma vez vinha lá do Malhão na minha canoa – canoa chamava a gente a uma lancha de cinco, seis metros – quando a gente chegou perto da ilha. Estavam lá os Varinos: “De onde é que vocês vieram?” – “Viemos do Malhão.” – “Com uma lancha dessas do Malhão? Não pode ser!” – “Então pergunta além ao Ezequiel a que horas saímos de lá”. Eu levava uma hora e vinte do Malhão à ilha. Estive lá umas quatro horas, para entrar por detrás da ilha, parecia uma boia, ia e vinha como o mar queria e o Raul vá de tirar água com a bomba.

Nessa lancha pescávamos com a rede branqueira: salmonete, fanecas, bodiões e peixe desse.

Quando havia sardinha usávamos a rede sardineira. Pescávamos aqui na costa, até à Ilha do Pessegueiro. Depois, quando começaram a aparecer os motores é que já íamos mais longe.

O Mestre Marcelino “Espanhol”

Essa lancha foi feita por um mestre que estava aí, que era o “Espanhol”. Tanto tempo que ele esteve aí! Fui grande amigo dele. Ele fazia muitos barcos. Fez esse e fez mais barcos. O nome dele era Marcelino, mas a gente tratava-o por “Espanhol” porque quando houve em Espanha a guerra civil, ele fugiu para cá. Quando veio para Sines ele já devia ter cinquenta e tal anos e já trabalhava em construção naval.

O homem era um grande artista a fazer barcos. Fez esta lancha, que tem cinco metros e meio, e fazia barcos de oito/nove metros. Fez barcos grandes para carregar cortiça para os navios. Essa lancha foi feita num sítio que se chamava Perna de Pau, que era pegado à serração do Farias. Era o último terreno à rés do cemitério, na estrada que ia para Santiago. Atualmente fica em frente do posto da Galp, do outro lado da estrada. Vi lá muitos barcos a serem construídos.

Vi também a ser construída essa lancha. O homem tinha o seu sistema de trabalho. Fazia um desenho do barco e depois ia construí-lo pelo desenho que tinha e o tamanho de que o dono queria o barco. Depois dessa lancha, ele fez barcos ainda durante mais uns dez anos.

E teve outra história também, ali na praia. Acho que foi por causa de um barco que ele fez ao Alfredo. Ele foi preso e depois escreveu lá umas coisas na parede da cadeia contra o Cabo de Mar. O Cabo de Mar vai até à praia, ele estava deitado numa barca, de noite, deu uma carrada de porradas no

homem que o ia matando. Mas houve umas mulheres que viram, uma delas a minha irmã que morava lá na praia. Mas como era o Sr. Cabo de Mar, ninguém foi capaz de testemunhar que ele foi dar porrada no homem.

Ele dormia às vezes dentro dos barcos. Quando veio para aí dormia nas pensões. Mas a maior parte das vezes dormia aqui num sítio, que era a Deolinda, aqui ao pé do Castelo. Ela tinha ali quartos e alugava-os. Quando tinha trabalho, tinha dinheiro para pagar, dormia em casa que ele alugava. Depois, quando a vida começou já a andar de reboleta, dormia dentro dos barcos na praia.

As artes de pesca

Se fôssemos para a sardineira, íamos aí a essas três e meia, quatro da manhã. Se fosse à branqueira, se largássemos quando fazia mais lua, já se largava para a noite inteira, ia-se de manhã despende, antes de nascer o sol, para se vender o peixe logo de manhã. Se fosse com a sardineira já tínhamos que ir ver com a água a “arder” para ver onde estava o peixe. Onde estivesse a sardinha era onde a gente largava. Quando havia sardinha e era tempo de lua, já se deixava a arte mais tempo dentro de água, que a pulga não atacava tanto o peixe. Se estivesse escuro já ficávamos no mar para não deixar a pulga atacar. Largava-se de madrugada para despende de manhã outra vez e íamos para a lota vender.

Se a gente fosse pescar à noite, abalávamos daqui às quatro, cinco horas da tarde. Quando chegasse para ali para o lado do sol-posto começávamos a despende a rede para a pulga não atacar o peixe. Depois de madrugada largava-se outra vez, que era para às nove horas estarmos aqui na Ribeira a vender o peixe. Ficávamos no mar, no barco, a dese



José Marreiros, na lancha “Praia Nova”



Manuel "Bulé" e Chico Chainho no Museu de Sines

malhar o peixe. Trabalhávamos a noite inteira.

Naquele tempo havia muito peixe. Eu com a minha canoa, cheguei a vir além do Malhão a desemalhar peixe e ficar até ao nascer do Sol a desemalhar peixe na baía. Íamos daqui às quatro, cinco horas da tarde e voltávamos às 7 da manhã que era para às 9 estarmos a vender o peixe.

A nossa vida era ali na praia, onde os barcos encahavam. Depois sacudiram a gente ali da praia e fomos para a Ribeira. Os donos da praia era aquela gente dos quiosques. Iam dizer ao Comandante que sujávamos, quando remendávamos redes. Nós tínhamos linhas de nylon, aquilo não sujava nada. Até que sacudiram com a gente dali para fora. Mas os banhistas até gostavam de nos ver ali a remendar. Havia muita gente que gostava de nos ver ali a trabalhar.

Vínhamos do mar, íamos levar o peixinho a casa para as mulheres fazerem o comer (nesse tempo era para as nossas mães fazerem o almoço). Vínhamos logo em cima dos barcos a remendar. Dormíamos quase em cima das redes, a remendar sempre. Aquilo era sábados, domingos, todos os dias tínhamos que trabalhar. Os barcos de inverno ficavam ali também encalhados. Houve um tempo em que a partir do meio da praia para o Pontal podíamos encalhar em qualquer lado. Depois começaram a empurrar-nos para o lado do Pontal.

A lancha "Tá Bezugo"

Comprei a minha lancha. Já era uma lancha muito velha, e era à vela. Era do Avelino Louzeiro, que mandou prepará-la para levar um motor dentro. Na altura o homem viu que não se devia meter com aquela despesa, tinha que comprar um motor e

essa coisa toda. Vendeu-me a lancha e mandei pôr-lhe um motor. Isto foi em 64. Esta lancha era um bocadinho mais comprida do que a do "Espanhol". Ainda anda assim a trabalhar, é das lanchas mais velhas que anda aí em Sines. Foi feita pelo pai dos Rochas, do Sebastião Rocha, Manuel Rocha e do Armando Rocha, o mais novo era o Raul. Os filhos depois foram todos carpinteiros navais. Esse Rocha mais velho veio de Setúbal para cá e começou a trabalhar na construção naval cá em Sines. O estaleiro dele era ali ao pé da Igreja de S. Sebastião e lá em cima em S. Marcos, ao pé da serração. Até uma traineira, que era a "Laida", fizeram eles lá em cima.

A gente na praia da Calheta descarregava o peixe e fazia as lotas. Aquilo era despejado no chão, na areia eram divididas as lotas: dez ou doze cestos de peixe, cada cesto de peixe era uma lota e era vendido. A lagosta era vendida assim: quem estava a vender pegava nos cornos da lagosta, chamava a gente, e vendia a lagosta uma a uma, ou então quando andávamos com os covos e apanhávamos quatro ou cinco covos de lagosta era vendida a peso. Mas ali era à perna, chama a gente, significa uma de cada vez.

A gente vinha do mar e ia diretamente à ribeira, lá é que era vendido o peixe. Ainda houve anos em que venderam na praia, mas isso já eu não conheci, ouvi falar pelos meus pais.

Alberto Elias

O Mestre Alberto Elias e eu andámos à escola juntos. Se fosse vivo teria quê? 79? Naquele tempo juntavam a 3ª e 1ª classe na mesma aula e era a diferença que havia entre a gente os dois. Eu andava na

3ª e ele na 1ª.

Ainda foi ele que fez a montagem do motor no meu barco. Era um grande artista, tinha aquelas calmas, aquela maneira de trabalhar, ninguém o podia trilhar se não estava tudo estragado. Uma vez tive um rombo além em baixo no Porto Covo. Para o levar, lá se convenceu e foi. "Tão, Alberto, vais-me lá arranjar o rombo?" "Vamos embora!"

Aluguei um carro de praça! Chegou lá e depois de meter o rombo, diz ele assim: "Agora vou com vocês no barco. Eh pá, com a caldeirada de mar que tá aí, molhas-te todo. O seguro paga, vais no carro de praça." Custei a dar-lhe a volta. Quando ele acabou de arranjar [o rombo] era volta de meio-dia. "Alberto o que é que a gente almoça?", diz ele assim: "olha calhava bem era um coelhinho" Digo eu para o meu camarada: "Alberto, vais lá em cima, arranja um coelhinho e mandas fazer para a gente almoçar". O moço era de Porto Covo e tinha ali conhecimentos, ele vem para baixo e diz: "Já tá ao lume o coelhinho!". Começa ele: "Coelho? Eh, pá, não me tá a calhar nada bem o coelho. O coelho deve ter mal". Digo eu: "Atão o moço agora ia arranjar um coelho com mal"; e ele: "Mas eu não quero coelho pá!". "Não queres coelho, não queres coelho!". Alberto vai lá acima ver o que é que fazem para ele comer. Olha tem lá bacalhau com batatas de azeite e vinagre" e ele: "Tão pronto, está bem!" Era assim, dava-lhe aquelas pancadas, se a gente não fosse com ele estava tudo estragado. Mas era um grande artista!

A partir de entrevista por António Campos em 6 de agosto de 2013

Francisco Chainho

A lancha “Praia Nova”

Francisco Chainho nasceu na Costa de Santo André em 1951. Descendente de pescadores, tem dedicado toda a sua vida à faina do mar, acumulando experiências e histórias vividas sobre o mar. Fala-nos do Mestre Marcelino “Espanhol” e da lancha “Praia Nova”.



Retrato de Francisco Chainho, pintado por Graça Morais na antiga vela da lancha “Praia Nova”.

Esta embarcação tem mais ou menos a dimensão de um bote mas foi sempre tratada como uma lancha. Tem à volta de cinco metros de fora a fora e um metro e sessenta de boca, com 45 de pontal, mais ou menos. É uma lancha com uma estrutura de fundo que tem bastante pujança mesmo, era um tipo de embarcação muito valente, feita pelo mestre Marcelino “Espanhol”. As suas embarcações eram todas muito valentes e todas preparadas para a vela. Eram mais cheias de proa e mais estreitas de popa. Para velejar isto era uma maravilha. Antes de haver motores esta lancha andava só à vela e a remo com dois indivíduos, um na proa e outro à popa. Com dois remos bons ia-se a Porto Covo e à Costa do Norte às sardinhas, mesmo só a remo. Só mais tarde é que teve o primeiro motor, que foi um “Penta” e depois o Sr. José Marreiros que era o proprietário meteu-lhe um motor “Yamaha”.

O construtor naval que fez esta embarcação, e mais uma dúzia delas, era o mestre Marcelino “Espanhol”, que eu nunca conheci, mas segundo consta, na versão dos mais antigos, veio fugido da guerra, não sei se da segunda guerra ou da guerra civil de Espanha e veio “desaguar” aqui em Sines. Era construtor naval e começou a construir. Antes desta construiu várias outras embarcações, conheci algumas já em degradação, como as do Ti António João: a Ricarda I e Ricarda II. Mas este continuou a andar ao mar enquanto outros encalha

vam na praia.

Esta embarcação sobreviveu porque o dono era um homem que lhe tinha uma grande estimação, mas acabou por a vender, com muita pena – ele chorou por vender a lancha – mas acabou por vender. Rendeu-se, ofereceram-lhe uns tostões e se calhar vendeu para não a perder. Não havia ainda qualquer ideia de fazer o Museu do Mar em Sines, isto foi não há ainda 15 anos.

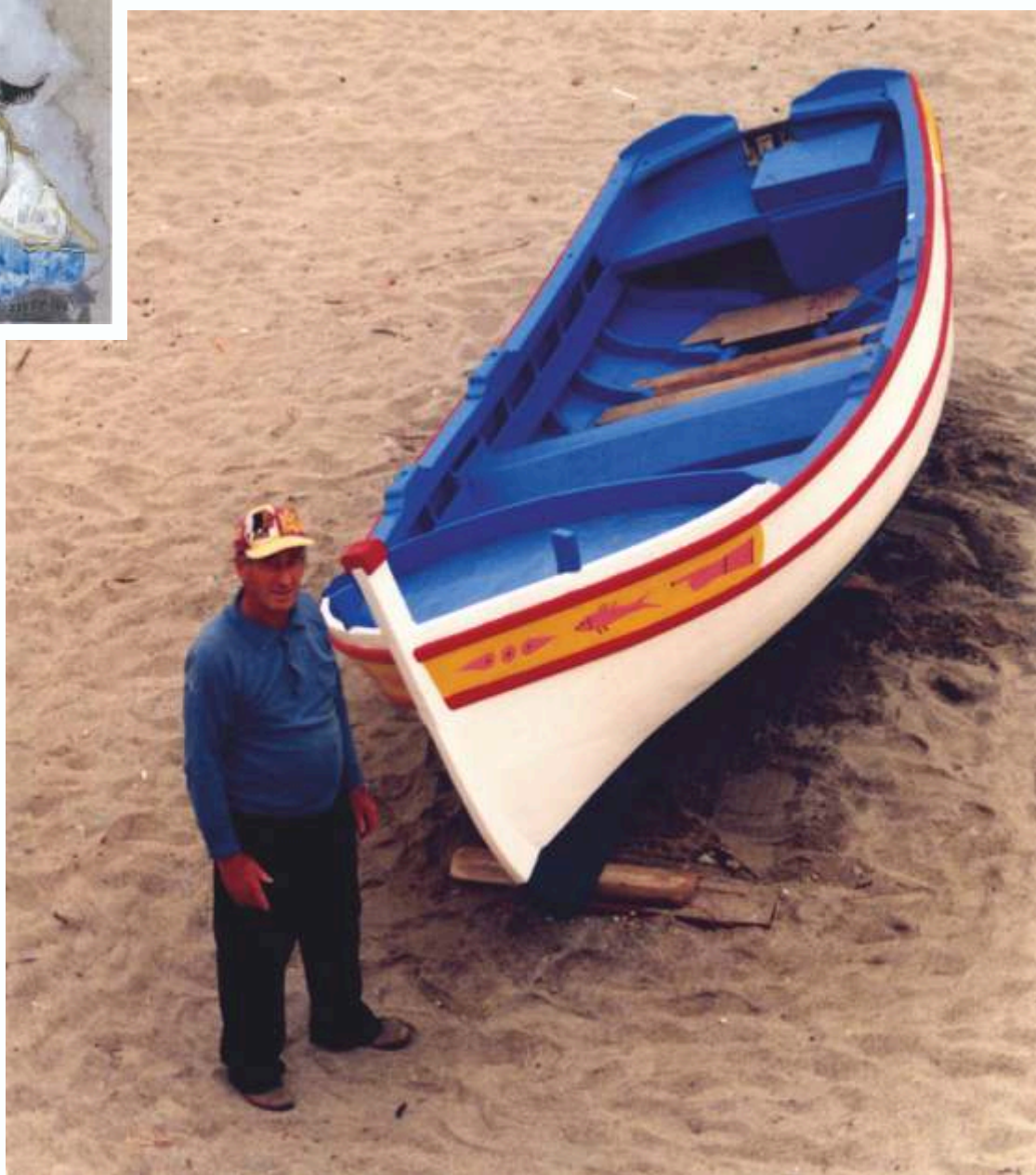
Lembro-me desta lancha desde moço, sempre do mesmo dono, o Sr. José Marreiros, que a teve uns 50 anos. O primeiro registo desta embarcação é de 1950. O primeiro nome da lancha foi provavelmente “Praia Nova”, mas também pode ter sido “Flor da Baía”, com matrícula SN nº 217 L. Tem uma sardinha desenhada na proa, feita

pelo mestre, com a mão a apontar com o dedo para onde estavam sardinhas. Chamava-se “ver sardinha ardenta”, sardinha junta com a água “a arder”. A sardinha sentia qualquer coisa, algum barulho que a incomodasse, rechaçava e ficava aquele brancor que iluminava e chama-se “a ardenta”. Se for com “águas tapadas”, “águas escuras”, a água não “arde”. A gente chama “a água a arder” quando se vai na corrente, na água, de noite, e faz um brancor que ilumina tudo e a proa do barco traz, parece que um lume na proa. Forma-se um esplendor de luz que ilumina tudo à volta.

Esta lancha trabalhou muitos, muitos anos. Este homem ao longo dos cinquenta anos que trabalhou na pesca da sardinha, com esta embarcação, usou rede sardinheira de três peças de rede. Era o máximo num barco destes e já era muito. Se apanhasse 25, 30 caixas já era bom. Se apanhasse mais já se tornava demasiado, porque depois desmalhar levava muito tempo, demorava-se mais a chegar a terra. E convinha chegar logo no acejo da noite e chegar cedo à lota. Ia a sardinha vivinha, porque este peixe geralmente era para a fábrica, porque era peixe escamudo valia mais dinheiro do que o outro, depois tornava-se a ir para o mar, outra vez largar as redes.

Este homem usava essa rede sardinheira e usava também branqueira, que era uma rede de tresmalho baixinha, para apanhar badejo miúdo. Também apanhava alguns salmonetes, requemes, bodiões, esse peixe assim, e usava uma rede que era só um pano de fundo um bocadinho mais alto que a rede branqueira aí com três vezes mais alto, para ir pescar à boga, a partir de outubro.

A partir de entrevista por Luísa Bruno, em 14 de junho de 2013



José Marreiros, na lancha “Praia Nova”



Quando me sento à mesa
Pro meu diário escrever
Surge-me logo disto uma remessa
Sem que eu os saiba fazer

Aqui vem o mal vestido
Com a camisa rasgada
Não é por ninguém temido
Nem ofende a rapaziada

Quem só olha pró dinheiro
Como meio de salvação
Esquece-se do amor: o primeiro
Que dá força ao coração

Vou contar e não contar
O que estive a aprender
Eu não me posso gabar
Daquilo que não sei fazer

Estou tentando navegar
Neste mar da incerteza
Vejo minha esperança presa
E difícil de a soltar

Alberto Elias (1934 - 2012)

Com uma personalidade reservada e por vezes de difícil aproximação, foi um artista na arte de calafetar as embarcações de madeira na Ribeira de Sines, mas também foi um poeta que apontava as suas ideias em qualquer papel ou cartões que apanhava à mão e que depois guardava apenas para si. Revelamos aqui pela primeira vez alguns dos seus versos:



Estou tentando equilibrar
Esta velha embarcação
Mas a tormenta fá-la vibrar
Mais parece de papelão.

Quando os nervos são estudados
Não podem ser comparados
Aos que ditam o coração
Por isso não é artista
Aquele que em fazê-los insista
Aos outros não tem comparação
(Sem ter dos outros comparação)



Astrigildo Cardoso

O “Feliz Regresso” do Patarila

Astrigildo Henriques Cardoso nasceu a 20 de maio de 1932, na Rua da Alegria, e tal como o seu pai e avô viveu uma vida no mar. Ainda criança, descia até à praia e encantava-se com a lida dos homens da armação. Foi corticeiro nos invernos rigorosos em que os pescadores eram obrigados a ficar em terra e mais tarde embarcou para a pesca do bacalhau na Terra Nova. De regresso a Sines, comprou o seu próprio barco: o primeiro “Feliz Regresso”.



Astrigildo Cardoso e Vítor Cardoso

Já o meu avô João Cardoso era pescador, de uma família de pescadores. Puseram-lhe o apelido de “Macaco” porque uma vez, debaixo de temporal, era preciso saltar de um barco para outro – eles tinham mesmo um grande lance de peixe – o barco ia abaixo e acima, e não era qualquer um que fazia isso, porque tinham medo de cair. Então ele saltou e zumba! Para dentro do outro barco. E então o que é que disseram? “Possa, pulas que nem um macaco!” E ficou o “Macaco”. Ainda hoje chamam à nossa família os “Macacos”, por causa dessa proeza do meu avô.

Aos 9 anos eu já fugia da escola para ir para a pesca. Não havia mais nada, e tinha uma casa de família. O meu irmão mais velho, o Henrique, foi para Cabo Branco, para Lisboa, para os arrastos, e eu fiquei como chefe de casa. Era preciso dar de comer a todos e eu tinha de ajudar também. Quando era gaiato também trabalhei na cortiça. Andava no bote com o meu pai, mas quando havia vendaval era uma miséria. Tinha um amigo que era chefe da uma fábrica de cortiça em Sines, e de inverno, quando estava tempo ruim, ia para lá trabalhar. Eu dava cortiça à banca para 10 ou 12 mulheres. A cortiça era carregada com um cabaz e despejada para elas fazerem aparas para depois se fazerem as rolhas. Ganhava 14 escudos por semana. Dava para o pão e para o avio da casa durante a semana. Cheguei a ir para a Lameira, onde fabricavam o pão. Era tudo por senhas [devido ao racionamento em consequência da Segunda Guerra Mundial], era o açúcar, azeite, tudo com senhas. Eu, com o calorzinho do forno, deixava-me dormir, perdia a vez. Ficava lá deitado até de manhã [risos].

Em moço pequeno, havia o Augusto Pimentinha, que morava na rua onde a gente morou e era Mestre da Armação Borboleta. Havia quatro ou cinco armações aqui em Sines, não havia traineiras nem isso. Todos os dias eu saía da escola e ia para a praia onde eles estendiam as redes – cada armação tinha 30 e tal homens – e punham-se lá a arranjá-las. O Augusto Pimentinha era muito meu amigo e dizia-me assim: “Patarila – chamava-me Patarila – queres vir arrumar as redes com a gente?” E depois dava-me sempre peixe bom, eu com aquela cegueira ia todos os dias para lá. A armação tinha peças que nunca se tiravam do mar. Era um quadrado com duas “portas” e depois tinha uma rede do lado de fora até à praia mesmo, com uma malha muito grande que era para o peixe chegar ali e ia correndo aquela

rede. Desde que entrasse lá para dentro, já não saía. Aquilo tinha um barco numa ponta da arte e outro noutra ponta. E todos os dias à tarde, abalavam três homens para lá, chamavam eles “a vigia”. Quando viam peixe dentro da arte, se fosse de dia punham sempre um casaco ou uma coisa qualquer e estava sempre um homem nos Penedos de vigia também, que era para avisar o pessoal. Quando era de noite, acendiam um archote. O homem que estava nos Penedos chamava o mestre e depois chamava a companha toda. Chegavam a apanhar só num dia 20 barcos de peixe.

Também ia com o Tio João Guerreiro buscar robalos de volta das armações, mas isso já era mais à socapa [risos]. Uma vez íamos sendo presos. Que é que eu disse ao Tio João? “Sabe o que é que você faz? Você vai aqui para o leme, que eu vou enfiando aqui numa corda uma mão cheia de robalos, quando estivermos a chegar lá arreia-se com uma pedra para o fundo e uma boia. Quando a gente chegar lá à Ribeira o Cabo de Mar vai ver o peixe que a gente tem e é o peixe que eles levam.” Assim foi. Chegámos lá: “Então tinham tanto peixe, que é do peixe?” Toca de revistar o bote. Nem chegámos a pagar multa. Depois aquilo passou-se, e à tardinha fomos lá buscar os robalos onde estava a baliza [risos]. Diziam eles que era proibido lá pescar, mas a armação não apanhava aquele peixe. Os robalos já tinham a “escola toda”, não entravam lá para dentro. Punham-se ao pé das entradas e qualquer peixinho pequeno que aparecesse eles iam comendo, mas lá para dentro não iam [risos]. Quando comecei a ser maiorzinho – 13/14 anos – trabalhei com o Tio Alfredo Costa, que tinha uma

barca. Depois começámos a ir para Cascais às sardinhas, no inverno. A cama era tirar o peixe, lavar as tábuas e a gente deitar-se em cima.

Fui para a pesca do bacalhau porque a vida em Sines estava má. A indústria da cortiça também começou a fraquejar e eu já tinha 20 e tal anos e decidi aventurar-me. Eu ajeitei-me sempre a trabalhar em redes e assim que cheguei lá e o capitão começou a ver-me trabalhar não quis que eu trabalhasse com o peixe. Trabalhei só em redes e fui para ajudante. Só quando havia pouco trabalho é que íamos ajudar a abrir o bacalhau. Eram 90 homens dentro do mesmo barco, cinco ou seis meses por cima de água. Só íamos a Saint Jones, na Terra Nova, abastecer ou com pessoas doentes. Havia muitas doenças por causa do frio.

Vim da pesca do bacalhau, já mais ou menos a coisa estava orientada. Ajudava a casa à mesma e comprei uma lancha em segunda mão, um motor e comecei a trabalhar. Naquele tempo não havia falta de peixe e vendia-se mais caro do que se vende agora. Depois, vi que o barco já era pequeno, fui juntando umas massas, comprei outro barco, o primeiro “Feliz Regresso”, e daí fui para a frente. Mais tarde aquele barco já era também pequeno. Vendi-o para a Fuzeta e mandei fazer um barco maior.

Chegava a apanhar duas aiolas cheiinhas de pescada, naquele tempo. Apanhávamos chaputa, safios, tudo. Chegou a haver semanas em que se vendeu na lota de Sines 200 caixas de tamboril. Eu andava sozinho. Numa semana pescava num sítio, noutra semana, quando o peixe ficava mais escasso, ia para outro banco.

Quando tinha o barco pequeno, vinha todos os dias a terra. Com o barco maior fazíamos uma semana de mar. Abalávamos à segunda-feira, só vínhamos à sexta, que era o dia melhor de venda. Naquele tempo as despesas não eram muitas, o dinheiro que ganhávamos era para comprar feijão e outras coisas. Criava-se um porquinho. Peixe salgado com batata-doce também não era mau [risos]. Era preciso era comer todos os dias. Era assim a vida.

A partir de entrevista pela neta, Ana Berta Cardoso.



O “Feliz Regresso”



A Ribeira de Sines, óleo sobre platex de Emmerico Nunes, coleção do Centro Cultural Emmerico Nunes

João Duarte Louzeiro E a sua “Heroína do Amor”

João Duarte Louzeiro nasceu em Sines em 1942. Andou sempre na vida do mar. É proprietário de uma embarcação com cerca de seis metros de comprimento, a “Heroína do amor”.

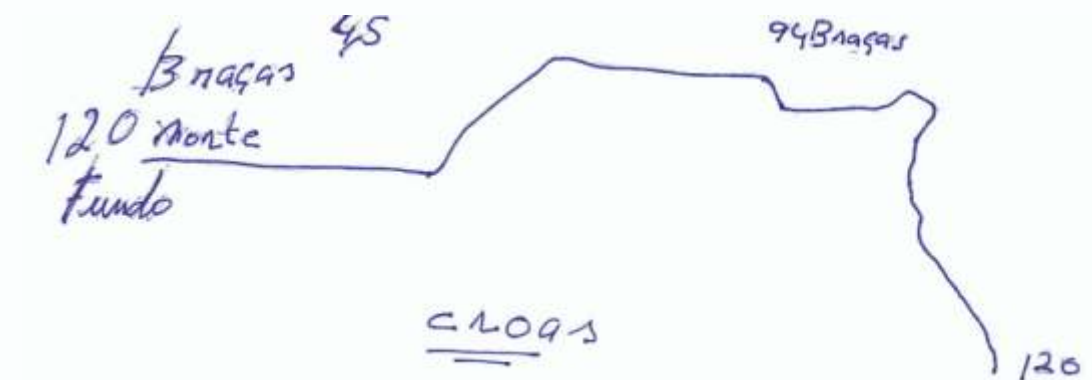
Saí da escola aos nove anos e comecei a ir ao mar com o meu pai. Ia com o meu pai e o meu irmão. Os meus irmãos também faziam a vida do mar. Largávamos os covos na água e via-se as lagostas dentro deles e até por cima. Despendíamos as que conseguíamos e depois a gente dizia: já cá voltamos para despendar o resto. O barco do meu pai era o “Fadista de Sines”. Não sei o que aconteceu a esse barco. Entretanto larguei o meu pai tinha aí uns dezassete anos. O meu pai estava a ficar velho e eu tinha que governar a minha vida.

Por volta dos meus trinta e quatro anos comprei um barco, o “Heroína do Amor”, que tenho governado até hoje. Antes andei no “Batalha” e outros barcos. Onde se ganhava é que a gente trabalhava.

O Mestre Armando Rocha que tinha o estaleiro lá em S. Marcos é que fez a obra da minha lancha “Heroína do Amor”. Colocou uma cabina nova e os fixos para o motor novo e o alinhamento do motor. Ele é que fez isso tudo, era mesmo a especialidade dele.

Pesco à linha e apanho várias qualidades de peixe. Quando ia para as “Croas” pescava, umas vezes com seis anzóis, outras vezes com dez. Chegava a apanhar um peixe em cada anzol e a pescar seis chernes e quatro gorazes. Dez anzóis, dez peixes!

De noite ia aos safios. Cheguei a apanhar safios com 42Kg, isto há dezassete ou dezoito anos atrás. Nunca mais apanhei nenhum deste tamanho, agora já não deixam ir para lá.



Desenho de João Duarte Louzeiro

“As Croas”

Antigamente ia para “As Croas”, apanhava chernes. Cheguei a apanhar seis chernes, um em cada anzol. “As Croas” começam ali onde a gente chama “As Quatro e Meia”, depois é “As Cinco e Meia” e “A Ramagem” a tudo isso é o que a gente chama “As Croas”. Depois há o “Vapor” - está a mais ou menos oito milhas - chamamos-lhe assim porque está lá um barco no fundo, mais ou menos a uma hora e meia de caminho, cerca de oito milhas.

Nas Croas, a parte mais baixa tem 120 braças e depois começa a subir, a subir, a subir e faz assim um bocado a direito, depois começa outra vez a subir, a subir e vai para as 94 braças, e depois

quando vai outra vez para sudoeste vai outra vez para as 120 braças. É isso... mas agora já não me deixam ir para lá. Só barcos da pesca costeira é que podem lá ir. Os barcos da pesca local, como o meu, não podem pescar para além das três milhas. Para eu poder ir lá o governo exigia ter um motor com mais potência, um aparelho VHF para comunicação e tinha de ter refletor de radar e não podia andar sozinho. Claro que isto era muito dispendioso. Se eu fosse mais novo ainda investia, mas com esta idade já não valia a pena. Por todas estas razões deixei de ir para lá das três milhas.

Ainda cheguei a ser maltratado, porque estava às quatro milhas. Fui multado, ainda paguei quinze contos. Diziam que não estava legal, mas as características que apontavam não coincidiam com as do meu barco. Eles diziam que o meu barco era de boca aberta, mas era um barco de convés corrido. Paguei para não ter mais confusões!

Está tudo mudado... Agora isto está muito fraco! Não posso passar das três milhas, não posso passar senão sou logo multado. Uma pessoa não se pode governar. E o peixe aqui perto é cada vez



menos. Tenho GPS, mas como não passo das três milhas, não vale a pena usá-lo. Hoje em dia temos melhores condições, temos GPS e isso, mas as leis são muito apertadas. Uma pessoa anda a trabalhar sempre com medo de falhar em relação às leis. Isto está muito mau para quem queira fazer desta vida profissão.

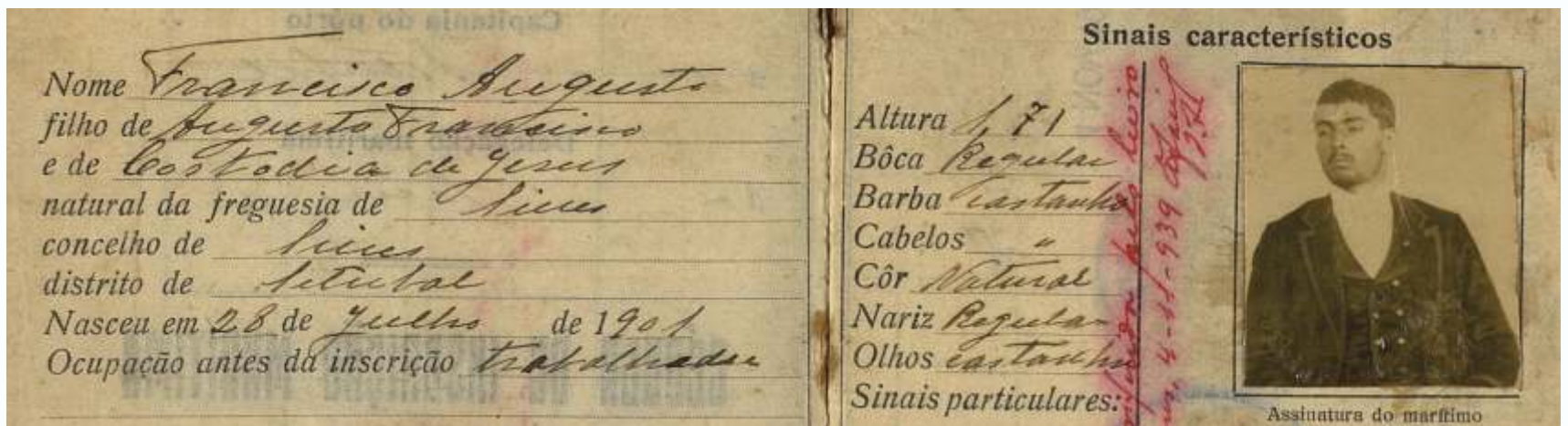
Cheguei a andar ao mar debaixo de grandes tormentas, uma pessoa não tinha a possibilidade de saber, como hoje, se o tempo dava condições para ir ao mar. Hoje isso já não acontece.

A partir da entrevista por Luísa Bruno, em 12 de outubro de 2008

Francisco Augusto

O Ti Chico do Porto

Nascido em Porto Covo, a 28 de julho de 1901, foi por isso sempre chamado de “Chico do Porto”. A sua vida dedicada à construção e reparação de embarcações tradicionais é aqui recordada por sua neta, Ângela Ferreira, que viveu a infância olhando atentamente o trabalho do avô na sua pequena oficina enquanto ela brincava com os materiais por ele utilizados.



Caderneta de Inscrição Marítima de Francisco Augusto

O meu avô nasceu naquele moinho, que ainda existe, junto à bomba de gasolina de Porto Covo. Por isso era conhecido como o “Chico do Porto”. Viveu uns anos em Vila Nova de Milfontes, onde conheceu a minha avó, mas viveu toda a vida junto ao mar e dedicou-se sempre à construção e reparação de barcos. Moravam ali no quintal do Zé Pica. A minha avó tomava conta da casa e o meu avô ia fazer os botes para uma barraca de madeira que tinha no pinhal, em frente aos lavadouros do Parque de Campismo, naquele pinhal que foi cortado, no outro lado da estrada.

A barraca era do tamanho suficiente para fazer um bote ou uma chata. Era toda de madeira incluindo o telhado. Se era pintada, não me lembro, mas era de cores escuras. Tinha uma porta pequena e uma janela de um dos lados uma porta muito grande por onde saíam os barcos já feitos. Mas o espaço era mínimo, apenas o necessário para fazer o bote, para a bancada com as ferramentas, as tábuas empinadas e o carrinho de mão. Não havia lá mais nada e como não tinha luz elétrica, o meu avô trabalhava até o sol se pôr.

Não havia moldes porque ele fazia as contas na banca ou nas tábuas. Não me lembro de ele fazer desenhos nenhuns, só números. Lembro-me sim de ver os números. Tirava as medidas e lá fazia...

Lembro-me de ver os números nas tábuas e eu depois queria também fazer números iguais e levava porradas. Eu achava que aquilo eram bonecos e queria também fazer. Eu achava muita piada aos lápis com que ele riscava. Eram quadrados e afiados com uma faca.

Os barcos eram puxados com um trator por essa porta lateral grande e depois eram rebocados até à Ribeira. Por vezes acontecia ter de construir barcos maiores que não cabiam na barraca e então trabalhava no exterior ou na Ribeira.

Os barcos eram quase sempre pintados de azul. Mas sinceramente eu já não me lembro se era ele que pintava os barcos, eu acho até que não era ele que os pintava.

Além de construir os botes e chatas também fazia trabalho de calafate e ia reparar os barcos para os pescadores que, em troca e para além de lhe pagarem, também lhe ofereciam peixe. Quando o meu avô ia fazer reparações aos barcos na ribeira eu ia muitas vezes com ele e lembro-me de ver muitos peixes dentro de água, sobretudo peixe-espada.

A matéria prima

Fazia os barcos de raiz. Ia ao pinhal da Ribeira de Moinhos, escolhia o pinheiro, abatia-o sozinho ou com ajuda de alguém de que eu já não me lembro. Falava com os homens da serração, que era junto à linha do comboio, na entrada de Sines, e eles iam lá recolher o pinheiro e nessa serração cortavam-no em tábuas. Depois o meu avô ia à serração recolher as tábuas que precisava e transportava-as até à barraca num carro de mão que ele próprio construiu em madeira, com dois pneus pequenos de trator.

Eu era criança e não me apercebia da dificuldade que ele tinha em carregar o carrinho com as tábuas e como adorava andar no carro e ia sempre sobre as tábuas. A certa altura do percurso ele dizia-me: “Olha Ângela, sai lá agora que o avô está cansado”. Mas eu, claro, não me apercebia da dificuldade que ele tinha em carregar as tábuas e ainda comigo em cima, aquilo para mim era uma aventura enorme, ir em cima de um carrinho com rodas. E o percurso era longo, desde a entrada de Sines até ao pinhal onde ele trabalhava. E sobre o carro empurrado por ele transportava ainda a alcofa das ferramentas que levava para onde quer que fosse.

Eu e a minha avó íamos com ele para a Ribeira de Moinhos, levávamos farnel e ficávamos lá numa senhora que tinha uma criação de aviário, lá para aqueles lados. Levávamos frango, pão, linguiça, toucinho, uma garrafinha de vinho e gasosa Foca para o meu avô e bebíamos laranjina C. Mas isto era só em dias especiais! E fazíamos um piquenique enquanto ele serrava os pinheiros.

As brincadeiras

Lembro-me de a minha avó ir levar-lhe o lanche e eu ir com ela. O meu avô fazia-me baloiços nos pinheiros. Outras vezes eu roubava-lhe a massa de calafete para fazer bonecas e a estopa para fazer o cabelo e os vestidos. Depois levava porrada! Mas quando ele virava costas eu ia buscar mais. A massa era fácil de moldar e com a estopa fazia o cabelo e com um pauzinho desenhava os olhos e a boca.

O meu avô trabalhou sempre até morrer. Faleceu com setenta e tal anos, não era muito velho, mas teve um problema de estômago que o deitou abaixo e morreu pouco tempo depois. É o que me lembro. Eu era gaiata e as pessoas escondiam essas coisas das crianças.

A partir da entrevista por Luísa Bruno, em 13 de março de 2014



Francisco Augusto, Ângela Ferreira e Ricardina da Silva